



Rebolo: os meio-tons e a busca do sublime na sofisticação dos traços do pintor autodidata

Pintura

O PERCURSO DE REBOLO E DO SANTA HELENA

Duas exposições em São Paulo durante o segundo semestre de 2002 homenagearam a produção de um movimento da pintura contemporânea brasileira que, até hoje, não é devidamente reconhecido como tal. *Rebolo 100 anos*, inaugurada no Museu de Arte Moderna (MAM) na data de aniversário do imigrante espanhol Francisco Rebolo Gonsales em 22 de agosto, e *Operários na Paulista*, uma realização do Museu de Arte Contemporânea (MAC) com o Sesi, reunindo obras que contam a história do Grupo Santa Helena. Diferente dos pintores modernistas,

artistas vinculados à elite paulistana do início do século passado que patrocinou a Semana de Arte de 22, os pintores “proletários” – onde se incluem Rebolo, Volpi, Pennacchi, Bonadei, Rizzotti, Zanini, Clóvis Graciano, Manoel Martins e Humberto Rosa – foram mestres autodidatas das tintas. Misturando seu trabalho de sobrevivência em profissões tão diversas como mecânico, açougueiro ou pintor de paredes, imprimem na pintura contemporânea brasileira, paisagens, cores e tons comparáveis aos grandes mestres internacionais. São reconhecidos pela técnica das cores e pela proximidade com pintores do Novecento italiano ou do Impressionismo francês; tudo sem que tivessem contato direto com o exterior, devido à sua origem humilde.

“Com exceção de Fúlvio Pennacchi, que veio adulto da Itália e que teve contato com o que se produzia lá fora, os demais não dominavam as regras da pintura, não tinham feito cursos, não conheciam esses mestres; aprendiam uns com os outros, no diálogo profícuo entre as paredes do Santa Helena da década de 30. A aproximação com os impressionistas, atribuída e identificada em algumas obras, foi acidental”, explica Elvira Vernaschi, historiadora e crítica de arte que dividiu a curadoria da exposição do MAM com Lizbeth Gonçalves, filha de Rebolo.

É o caso da semelhança do quadro “Cena de jogo num bar”, de Rebolo com a pintu-

ra de mesmo tema retratada por Cézanne – de quem ele nunca tinha ouvido falar. É o que mostra um depoimento capturado pelo documentário de Olavo Tavares de Araújo, integrante da mostra: quando perguntado sobre o pintor francês, quis saber em que bairro morava ou se era torcedor do Corinthians, um dos times onde Rebolo jogou profissionalmente como ponta-direita e para quem criou o símbolo definitivo do timão, com âncora e remos agregados à bandeira paulista. “Como pintavam diretamente da natureza, essa semelhança ocorreu em diversos momentos, de forma não proposital”, acrescenta a curadora. A exposição comemorando o centenário do pintor conseguiu reunir, de um acervo bastante espalhado entre membros da família, particulares e instituições, 150 pinturas a óleo, além de fotos, documentos, objetos e o filme/documentário. Essa panorâmica da trajetória produtiva de Rebolo começa em 1934, quando aluga salas do edifício Santa Helena, destruído algumas décadas depois para a construção do pátio do metrô entre as praças da Sé e Clóvis Beviláqua, na capital paulista, e



“Paisagem com casas”, 1934, óleo sobre papelão, de Rebolo

constituiu um movimento importante da pintura contemporânea.

Embora Rebolo e os amigos, que se agruparam em torno do Santa Helena, não sejam merecidamente reconhecidos como movimento e nem tenham a exaltação dos nomes da Semana de Arte de 22, suas obras são essenciais para construir a identidade nacional na pintura contemporânea. Para Elvira, a intenção da mostra era celebrar a vida produtiva do pintor, que se manteve ativo até meses antes de sua morte em julho 1980, e expandi-la também para outras instituições, num projeto que começou três anos antes, sob o comando de Lizbeth Gonçalves. A exposição *Operários na Paulista*, sob coordenação da diretora do MAC, Elza Ajzenberg, cumpriu esse papel, ao compor um cenário fundamental para entender a arte originária do Santa Helena. O objetivo agora é viajar com a exposição de Rebolo, primeiramente para a Bahia, o que vem sendo negociado com o MAM, que facilitaria uma extensão da viagem até o Ceará, cujo significado se amplia pois algumas obras expostas mostram paisagens da região, resultado de suas viagens ao Nordeste entre os anos de 1971 a 1979.

Dois projetos em andamento, a cargo também de Lizbeth, devem consolidar a comemoração a Rebolo: a criação do Instituto Rebolo a ser instalado na casa onde o pintor viveu a maior parte de sua vida, no Morumbi, e que está intacta; e relançamento do livro *Rebolo*, publicado em 1986 sob patrocínio da empresa MWM, e que foi revisto para a próxima reedição, antecipa Elvira.

Wanda Jorge

Museus

EXPOSIÇÕES DE ARTE GANHAM CARÁTER HISTÓRICO E EDUCATIVO

Algumas exposições, de caráter histórico, realizadas na capital paulista no segundo semestre de 2002 e em circulação pelo país, me fizeram refletir o quanto interessante tem sido a performance dos museus de arte, de institutos e centros culturais nestes últimos tempos. É bom frisar que esta reflexão se refere apenas ao item de organização de exposições – eventos voltados para o público – e a intenção de repensar o atual papel do museu em nossa sociedade. É bom lembrar que, em nenhum instante, essas instituições deixaram de realizar eventos de arte moderna e contemporânea. Tratamos, aqui, de tecer algumas considerações sobre a arte e sua recepção a partir dos eventos em consideração.

Os museus, ao longo da história, têm

passado por constantes e importantes revisões do caráter de suas funções. Parece que, ao analisar essas recentes mostras com as quais os paulistanos foram brindados, as definições de cunho mais clássico são as que prevalecem. Recentemente, o presidente Carlos Bratke e o curador Afons Hug da Bienal de São Paulo, em depoimento ao jornal da Associação Brasileira de Críticos de Arte, frisaram que o papel da Bienal de 2002 e da instituição como tal, uma vez que o curador está mantido para a próxima realização, é o de “divulgar a arte contemporânea” e que os núcleos históricos (parte importante de bienais anteriores) estavam sendo muito bem realizados pelos museus.

De fato, é interessante constatar que



"Fachada com bandeirinhas", de Volpi, na mostra *Operários na Paulista*